

**AVALIAÇÃO DO LOCUS DE CONTROLO DOS PROFESSORES:
ADAPTAÇÃO DA ESCALA DE MAES-ANDERSON
À POPULAÇÃO PORTUGUESA**

José H. Barros e Félix Neto
Universidade do Porto, Portugal

António M. Barros
Universidade do Minho, Portugal

Resumo - O construto Locus de Controlo é um dos mais estudados, dada a sua importância para o conhecimento da personalidade cognitiva. Rotter foi o grande teórico deste conceito e construiu uma Escala para tentar avaliar esta variável. Trata-se de um instrumento feito à base de expectativas generalizadas de controlo do reforço. Cedo se sentiu a necessidade de construir escalas mais específicas e adaptadas às diversas situações. Neste contexto surgiram escalas elaboradas expressamente para professores. Neste artigo os autores procuram apresentar e adaptar para a população portuguesa a Escala TRS de Maes e Anderson (1985) que partiram de estudos sobre os factores mais gratificantes dos professores. A escala, quer no original, quer na amostra portuguesa, mostrou possuir propriedades psicométricas adequadas.

Fundado na sua teoria da Aprendizagem Social (Rotter, 1954), Rotter construiu uma Escala de Locus de Controlo (Rotter, 1966) baseada em expectativas generalizadas de controlo das diversas situações da vida, entre elas a situação escolar, que é focada unicamente em 3 itens. Trata-se de uma escala para adultos em geral. Muitos problemas se levantaram em torno desta escala, como a questão da sua dimensionalidade, a que Rotter posteriormente procurou responder (Rotter, 1975; Barros, Barros & Neto, 1987).

Uma das dúvidas e interrogações surgidas com a escala de Rotter dizia respeito às características de variabilidade das expectativas de controlo, havendo autores que pugnavam por escalas de expectativas específicas de controlo em cada situação particular (Crandall, Katkowsky & Crandall, 1965; Guskey, 1981; Trice, 1985) conscientes de que uma mesma pessoa pode ser Interna numa situação e Externa noutra, discutindo-se ainda a consistência destas crenças de controlo ao longo do tempo e nas diversas situações.

Sobre este último aspecto, Mischel (1968) afirma que um comportamento é muitas vezes inconsistente, dependendo das diversas situações, sendo influenciado

não apenas pelos traços de personalidade mas também pelo contexto particular em que ocorre o comportamento. Daí as expectativas generalizadas de controlo dos "reforçadores" não se manterem necessariamente constantes ao longo das diversas situações, porque a sua base de apoio - a personalidade - é influenciada pela história individual e pela situação presente, embora devamos admitir um substrato ou núcleo fundamental da personalidade mais ou menos constante. Dos traços mais consistentes da personalidade faria parte a inteligência, embora também esta se constitua em grande parte em função do meio ambiente, se bem que em menor grau do que, por exemplo, as expectativas.

Surgiu assim a necessidade de construir escalas de Locus de Controlo para as diversas situações (clínica, pedagógica, social). Em particular quanto à situação escolar, apareceram escalas para alunos da escola primária e secundária, como é o caso da de Crandall (1965) e para alunos universitários, como a de Rose e Medway (1981) (unicamente para professores da escola primária) e a de Guskey (1981) (para professores da escola primária e secundária), ambas com itens dirigidos exclusivamente à situação escolar, visando controlar ou prever a capacidade dos professores para influenciar a realização escolar dos alunos.

A *Teacher Locus of Control Scale* (TLC) de Rose e Medway (1981) parece ser mais preditiva da situação escolar, nomeadamente do comportamento do professor e dos resultados escolares do que a escala de Rotter, que não deveria ser usada em tais situações específicas. O mesmo se diga da *Responsibility for Student Achievement Questionnaire* (RSA) de Guskey (1981) que avalia igualmente as crenças dos professores unicamente na situação escolar. Guskey fez a análise factorial da sua escala, emergindo dois factores: crença de controlo do professor sobre o comportamento positivo ou de sucesso dos alunos (R+) e crença de controlo sobre o comportamento negativo ou de insucesso (R-). Como afirma Guskey, "aparentemente, assumir responsabilidade pelo sucesso escolar dos alunos é efectivamente diferente de assumir a responsabilidade pelo seu insucesso" (1981, p. 48). Neste aspecto, esta escala poderia ser confrontada com a de Brewin (1981) que os autores deste artigo já traduziram e adaptaram para a população portuguesa (Neto, Barros & Barros, no prelo).

Maes e Anderson (1985), querendo construir um instrumento rigoroso de controlo das crenças dos professores, que ao mesmo tempo servisse para professores dos ensinos primário e secundário, e sobretudo que não visasse exclusivamente a relação pedagógica, mas abrangesse uma vasta gama de situações do papel do professor dentro e fora da escola, construíram uma nova escala - *Teacher Role Survey* (TRS) - que é intermediária entre a de Rotter, para situações gerais, e as de Rose-Medway e de Guskey, que visam unicamente a situação escolar. É sobre esta escala (de Maes e Anderson) que nos debruçaremos em particular neste artigo, apresentando a teoria e estudos dos autores e o nosso estudo.

Desenvolvimento da escala de Maes e Anderson

Antes de historiar sucintamente os trâmites por que passou a Escala de Avaliação do Papel do Professor - *Teacher Role Survey* (TRS) - resumamos a teoria que lhe serviu de suporte.

Os autores partem do princípio de que é a história individual da aprendizagem social que determina as expectativas de controlo, ou não, dos acontecimentos. Por isso, as crenças de controlo desenvolvem-se na base de cada história individual de aprendizagem social. Quando o indivíduo crê, baseado na experiência, que os acontecimentos dependem da sua competência ou esforço, ou que os resultados são controláveis, ele tem tendência para a Internalidade. Ao contrário, se pensa que os eventos da vida são mais dependentes da sorte, do acaso ou dos outros, ele é prevalentemente Externo. Neste caso, segundo Seligman (1975), pode cair no desânimo aprendido. Maes e Anderson dão também grande importância - na linha de Mischel (1968) e de Moss (1961) - às variáveis da situação concreta que interagem e condicionam as variáveis da personalidade.

Estão neste caso as expectativas a respeito dos resultados escolares ou de ensino/aprendizagem. Aí, não apenas o professor pode funcionar como *Pigmalião* (Rosenthal & Jacobson, 1968) a respeito dos alunos, mas também estes a respeito do professor (Feldman & Theiss, 1982). Isto falando em termos de hetero-expectativas, enquanto no caso do Locus de Controlo se trata propriamente de auto-expectativas a respeito do controlo da situação. Porém, umas dependem das outras, em interacção constante, com efeitos prevalentes de uma ou outra. Em particular quanto às expectativas de Locus de Controlo, elas são função, quer da pessoa, quer do ambiente, que em grande parte construiu a personalidade.

Para criar um instrumento de medida das expectativas de controlo do professor sobre importantes aspectos da sua vida, era necessário determinar quais as componentes ou aspectos que os professores consideram mais importantes ou gratificantes no seu trabalho. Maes e Anderson partiram de investigações já feitas quanto aos factores que produzem maior satisfação ou insatisfação nos professores ou que são fontes de reforço no ensino (Holdaway, 1978; Salehi, 1971).

A partir destes estudos, Maes e Anderson começaram a construir a sua escala em ordem à selecção final dos itens, tendo correlacionado antes de mais cada item com a Escala de Desejabilidade Social. Apenas 4 itens se correlacionavam significativamente com aquela escala, podendo concluir-se que a desejabilidade social não influenciou a validade dos itens ou que as respostas não foram dadas pelo desejo de agradar, e por isso esta variável não foi considerada na selecção dos itens. O que levou à selecção dos itens foi a correlação de cada um com o score total da Escala. Apenas foram mantidos os itens cuja correlação com o score total era igual ou maior que .30. Assim, foram retidos unicamente 32 dos 75 itens, cujas correlações variavam entre .30 e .50, a maior parte pertencentes à categoria dos maiores reforçadores do trabalho dos professores.

A fidelidade da Escala, verificada através do coeficiente Alfa, foi de .86, com outra amostra de professores. Os autores controlaram ainda com outras amostras a fidelidade ou estabilidade temporal da Escala através do teste-reteste. Procederam outrossim à análise da validade factorial através de outra amostra com 166 professores, emergindo 12 factores com valores próprios (*eigenvalues*) maiores que 1.0

que foram submetidos a uma rotação Varimax. Os autores analisaram os 4 primeiros factores: reconhecimento, processo ensino-aprendizagem, relações com outros professores, atitudes dos pais e da sociedade. Uma boa correspondência entre a lógica das categorias e a estrutura factorial faz supor uma boa validade da escala.

Maes e Anderson concluem o seu artigo de 1985 afirmando uma grande consistência interna da sua Escala, uma fidelidade aceitável (embora a estabilidade temporal seja moderada devido talvez a problemas técnicos da amostra e às flutuações das expectativas de controlo por parte dos professores). A Escala possui ainda uma boa validade factorial. Os autores propõem para estudos posteriores o confronto entre a sua escala TRS e a de I-E de Rotter e ainda com as escalas TLC de Rose e Medway e a RSA de Guskey específicas unicamente para a situação escolar, enquanto a TRS abrange o papel do professor dentro e fora da escola.

Anderson em comunicação pessoal (Anderson, 1986) apresenta-nos uma escala já reduzida a 24 itens. Os 8 itens que foram retirados não funcionaram bem em análises estatísticas posteriores feitas a partir de novas amostras. Esta nova versão da *Teacher Role Survey* (TRS) (versão revista) mostrou uma fidelidade (coeficiente Alfa) de .84. A fidelidade do teste-reteste em dois estudos foi de .75 e de .67. Pode concluir-se que a escala apresenta uma fidelidade razoável. A média de Externalidade noutro estudo foi de 7 e o desvio-padrão de 4.5.

A tentativa de incluir subescalas significativas só parcialmente foi bem sucedida na versão mais recente da Escala. Apenas 3 subescalas estão representadas, das quais 2 são categorias empregadas nos primitivos itens: *reconhecimento* (com 5 itens) e *atitudes dos pais e da sociedade* (com 3 itens). A terceira subescala emergiu da análise factorial operada com os itens da versão revista da escala e combina itens de diferentes categorias, parecendo realçar as experiências de aprendizagem. Os autores chamaram a esta categoria, ou subescala, *processo ensino-aprendizagem*.

No artigo de 1985, Maes e Anderson tinham previsto correlações da sua Escala com as de Rotter e ainda com a de Rose e Medway e com a de Guskey. Na comunicação de Anderson (1986) já é apresentada uma correlação com a Escala de Rotter da ordem de .45, concluindo o autor que há uma sobreposição considerável entre as duas medidas, mas também que os dois instrumentos não medem o mesmo construto. Por outro lado, a correlação entre a TRS e a RSA de Guskey, foi de -.27. Anderson conclui que estes resultados dão jus à escala TRS como medida do locus de controlo de situações específicas dos professores, intermediária entre as medidas de expectativas gerais de controlo (como a de Rotter) e as medidas de crenças de controlo na situação exclusivamente da classe (como é o caso das medidas de Rose-Medway e de Guskey).

Posteriormente, Anderson e Maes (1988) analisaram a relação entre o Locus de Controlo dos professores e o stress, onde se confirmam outros estudos teóricos segundo os quais os Externos têm maior tendência para o stress. Os autores analisam 4 índices de stress (ansiedade, depressão, hostilidade e sintomas somáticos). Verifica-se uma maior correlação entre a Externalidade e a subescala da depressão. Por outro lado, a escala TRS correlaciona melhor com os diversos índices de stress que a escala RSA de Guskey e a I-E de Rotter.

Neste artigo os autores apuram de novo a validade da escala (versão revista de 24 itens) através de correlações com as escalas de Rotter e de Guskey e ainda com os sintomas de stress. A correlação significativa, mas modesta, entre as 3 escalas de Locus de Controlo sugere que medem algo em comum mas que são mais independentes

Locus de Controlo sugere que medem algo em comum mas que são mais independentes que dependentes umas das outras. Há tendência nos professores para manterem uma crença similar de controlo dos acontecimentos na vida em geral, na profissão de professor e na situação concreta da classe. Era ainda de esperar da Escala RSA de Guskey uma melhor correlação com a TRS que com a I-E de Rotter, pois as duas primeiras dirigem-se ao contexto escolar; mas na realidade a RSA correlaciona melhor com a de Rotter.

Na sequência destas investigações, empreendemos um estudo em ordem à adaptação da escala à população portuguesa, tendo administrado outrossim a Escala de Rotter e a dimensão referente à Ansiedade Social de Fenigstein, Scheier e Buss (1975).

Metodologia

Amostra

A amostra é constituída por 112 professores do ensino secundário dos distritos do Porto e de Braga, com idade média de 33 anos, sendo 36 do sexo masculino (32.1%) e 76 do sexo feminino (67.9%).

Instrumentos e procedimento

A escala de Maes e Anderson, na sua versão revista (Anderson, 1986), é uma escala de Locus de controlo para professores com 24 itens, com formato de escolha forçada entre duas alternativas, uma no sentido da Internalidade e a outra no da Externalidade. O score é dado pelas respostas de Externalidade (por conseguinte o máximo de 24).

A Escala de Rotter já foi previamente adaptada para a população portuguesa (Barros, Barros & Neto, 1987). Trata-se de uma escala de 29 itens, 6 dos quais de despistamento. O score total provém das respostas de Externalidade (no máximo 23). É também uma escala de escolha forçada entre uma resposta Interna ou Externa.

Para se avaliar a ansiedade social, recorreu-se a uma das subescalas, que comporta mais itens, da escala de auto-consciência. Estes itens são avaliados segundo um procedimento de escolha múltipla com cinco alternativas. Os valores obtidos podem ir de 0 a 24 pontos. Esta subescala é fidedigna e possui validade factorial (Neto, 1986; 1987).

Resultados

A média da Escala TRS de Maes e Anderson foi de 10.6 (mediana: 10.7; moda: 11.0) e o desvio-padrão de 4.00, média bastante mais elevada que a encontrada por Anderson numa amostra, e que foi de 7, com D. P. de 4.50. Não houve diferenças significativas quanto ao sexo ($t(110) = .80; p > .05$).

Quadro 1: Médias e desvios-padrões da escala TRS segundo o sexo

	Sexo masculino	Sexo feminino	Total
Média	11,1	10,4	10,6
Desvio padrão	4,2	3,9	4,0

Procedeu-se à correlação de cada item com o score total (excluindo o item em causa). A maior parte dos itens apresentou-se com uma correlação altamente significativa com o score total ($p < .001$). O item 14 está perto da significância ($p = .07$). O item 15 traz mais problemas, pois a correlação com o score total é muito baixa. A razão talvez resida no facto da alternativa na versão original não ser de todo clara, ou então é necessário apurar melhor a tradução e verificar o seu comportamento noutras amostras. Lembremos que na escala primitiva, Maes e Anderson excluíram os itens cuja correlação fosse inferior a .30. Na versão portuguesa, que estamos a apresentar, estariam neste caso, além do item 15, o 14 e o 21 com correlações inferiores a .20, enquanto os itens 13, 16, 19, 24 apresentam correlações entre .25 e .29. Todos os outros itens têm correlações superiores a .30.

Quadro 2: Correlações de cada item da escala TRS com o score total

Itens	Correlação	Itens	Correlação
1	-.38	13	.25
2	.46	14	.14
3	.65	15	-.06
4	.31	16	.26
5	.42	17	-.37
6	-.31	18	.40
7	.36	19	-.29
8	.46	20	.38
9	.33	21	.19
10	.55	22	-.51
11	-.46	23	-.38
12	-.55	24	-.27

Para avaliar a fidelidade da escala usou-se o coeficiente alfa de Cronbach que apresentou um coeficiente de .69. Não se procedeu ao controlo da estabilidade temporal ou constância da escala, através do teste-reteste, porque tal método mostra ser pouco eficiente em Escalas deste tipo que podem variar conforme a situação individual e do meio. Lembremos que Maes e Anderson obtiveram resultados pouco consistentes com este método, devido talvez às características da amostra, mas também à possível flutuação das expectativas.

Para apreciar a validade da Escala TRS, ela foi correlacionada com a de Rotter, obtendo-se uma correlação modesta, mas significativa ($r = .22$; $p = .009$) levando a crer que se trata de uma escala mais sensível para professores que a de Rotter. Maes e Anderson (1988) encontraram uma correlação de .31 com a de Rotter. A escala TRS também correlaciona significativa e positivamente com a Ansiedade Social, o que também abona em favor da validade da escala.

Quadro 3
Correlações da escala TRS com as escalas I-E e de Ansiedade Social

	I-E	Ansiedade Social
TRS	.22*	.18**

* $p = .009$ ** $p = .026$

Conclusão

Depois da apresentação da Escala de Maes e Anderson na sua teoria e prática, e depois dos resultados obtidos com uma amostra portuguesa, após a tradução da escala, em vista à sua adaptação à população portuguesa (e que será a primeira escala específica para professores usada em Portugal, ao que julgamos saber), podemos tirar algumas conclusões sumárias:

1) Quanto a Escalas construídas na tentativa de medir ou avaliar as expectativas de controlo dos reforços ou dos reforçadores há dezenas delas a partir da primitiva de Rotter (1966). Muita polémica se gerou em torno da dimensionalidade desta escala, do seu formato (escolha forçada), da ausência de distinção entre expectativas pelos resultados positivos e pelos negativos, etc. O mesmo se diga quanto a outras escalas. Dado o carácter bastante fluido das diversas dimensões da

personalidade, entre elas o Locus de controlo, há quem seja pessimista quanto ao valor destas escalas. Porém, são justas as tentativas de quantificar este construto, embora também não se deva prescindir de apreciações qualitativas.

2) Sendo a Escala de Rotter baseada em expectativas gerais, o que constituía mais uma crítica, sentiu-se a necessidade de criar escalas que tentassem medir situações mais específicas, como a escolar. Nasceram assim escalas directamente para crianças da pré-primária, para alunos do ensino primário e secundário e ainda para universitários, e também escalas para professores, onde se situa a TRS de Maes e Anderson.

3) A Escala TRS apresenta um grau de fidelidade satisfatório. A sua validade concorrente também pôde ser evidenciada. Em estudos futuros é todavia necessário reformular o item 15, pois a sua correlação com o score total não é satisfatória.

4) Para além da Escala TRS de Maes e Anderson existem, a nosso conhecimento, mais duas escalas que permitem avaliar o Locus de controlo para Professores. Trata-se das escalas de Rose e Medway (1981) e de Guskey (1981). Está em curso a adaptação para a população portuguesa da escala de Guskey (1981) e esperamos confrontá-la com a TRS, apurando assim melhor a validade desta.

5) Depois de termos os instrumentos aferidos para a população portuguesa, precisamos de avançar em estudos pedagógicos no sentido de verificar até que ponto a Internalidade dos professores influencia os resultados escolares dos alunos (e também vice-versa, na interacção constante que se cria na classe). Há já alguns estudos neste sentido (Barros 1986; Barros & Barros, no prelo) mas a nosso conhecimento são praticamente inexistentes em Portugal. Poder-se-á também tentar confrontar o Locus de Controlo dos professores com o dos alunos e ver qual a sintonia ideal para o sucesso. Se se provar que tanto os professores como os alunos funcionam melhor com um alto grau de Internalidade, seria bom promover estratégias de aumento da Internalidade.

REFERÊNCIAS

- Anderson, D. & Maes, W. (1988). *The Relationship between Teacher Locus of Control and Selected Indices of Stress*. Manuscrito não publicado.
- Anderson, D. (1986). *Generalized vs. Setting-Specific Locus of Control in the Teaching Task*. Manuscrito não publicado.
- Barros, A. (1986). *Locus de controlo interno-externo: uma dimensão cognitiva da personalidade*. Dissertação para as Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica. Universidade de Évora: Departamento de Pedagogia e Educação.
- Barros, A., Barros, J. & Neto, F. (1987). Adaptação da escala I-E de Rotter para a população portuguesa. *Monografias do Centro de Psicologia Social*, nº 3. Porto: Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação.
- Barros, J. & Barros, A. (no prelo). Locus de Controlo dos professores: relação com o tempo de serviço e o nível de ensino. *Actas do II Encontro de Intervenção Psicológica na Educação*. Porto: Associação dos Psicólogos Portugueses.
- Brewin, C. & Shapiro, D. (1984). Beyond locus of control: Attribution of

- responsability for positive and negative outcomes. *British Journal of Psychology*, 75, 43-49.
- Brewin, C. (1981). *Attributional processes and response to adversity*. Tese de PhD. University of Sheffield.
- Crandall, V., Katkovsky, W. & Crandall, V. (1965). Children's beliefs in their own control of reinforcements in intellectual-academic achievement situations. *Child Development*, 36, 91-109.
- Crowne, D. & Marlowe, D. (1960). A new scale of social desirability independent of psychopathology. *Journal of Consulting Psychology*, 24, 349-354.
- ✓ Feldman, R. & Theiss, A. (1982). The teacher and student as Pygmalions: joint effects of teacher and student expectations. *Journal of Educational Psychology*, 74 (2), 217-223.
- Fenigstein, A., Scheir, M. & Buss, A. (1975). Public and private self-consciousness: assessment and theory. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 43, 522-527.
- Guskey, T. (1981). Measurement of the responsibility teachers assume for academic successes and failures in the classroom. *Journal of Teacher Education*, 32, 44-51.
- Holdaway, E. (1978). Facet and overall satisfaction of teachers. *Educational Administration Quarterly*, 14, 30-47.
- Maes, W. & Anderson, D. (1985). A measure of teacher locus of control. *Journal of Educational Research*, 79, 27-32.
- Mischel, W. (1968). *Personality and Assessment*. New York: Wiley.
- Moss, H. (1961). The influence of personality and situational cautiousness on conceptual behaviour. *Journal of Abnormal and Social Psychology*, 63, 629-635.
- Neto, F. (1986). Escala de Consciência de si próprio: adaptação portuguesa. *Cadernos de Consulta Psicológica*, 2, 13-21.
- Neto, F. (1987). L'évaluation de la conscience de soi: réplique portugaise. Poster présenté au 2^{ème} Colloque de l'Association pour la Recherche Interculturelle. Fribourg, Suisse, Octobre.
- Neto, F., Barros, A. e Barros, J. (no prelo). Atribuição de Responsabilidade e Locus de controlo. *Revista de Psiquiatria Clínica*.
- Rose, J. & Medway, F. (1981). Measurement of teachers' beliefs in their control over student outcome. *Journal of Educational Research*, 74, 185-190.
- Rosenthal, R. & Jacobson, I. (1968). *Pygmalion in the Classroom*. New York: Holt, Rinehart and Winston.
- Rotter, J. (1954). *Social learning and clinical Psychology*. Prentice-Hall: E. Cliffs.
- Rotter, J. (1966). Generalized expectancies for internal versus external control of reinforcement. *Psychological Monographs*, 30.
- Rotter, J. (1975). Some problems and misconceptions related to the construct of internal versus external control of reinforcement. *Journal of Consulting and Clinical Psychology*, 43 (1), 56-67.
- Salehi, S. (1971). *Development of the job attitude scale*. Manuscrito não publicado. University of Waterloo.
- Seligman, M. (1975). *Helplessness: On depression, development and death*. San Francisco: Freeman.
- Trice, A. (1985). An academic locus of control scale for college students. *Perceptual and Motor Skills*, 61, 1043-1046.

**EVALUATION DU LOCUS DE CONTRÔLE DES ENSEIGNANTS:
ADAPTATION DE L'ÉCHELLE DE MAES-ANDERSON À LA
POPULATION PORTUGAISE**

Résumé - Le concept Locus de Contrôle est un des plus étudiés étant donné son importance pour la compréhension de la personnalité cognitive. Rotter a été le grand théoricien de ce concept et a élaboré une Echelle pour essayer d'évaluer cette variable. Il s'agit d'un instrument fondé sur les expectatives généralisées de contrôle du renforcement. Mais bientôt on a eu la nécessité de faire des échelles plus spécifiques et adaptées aux diverses situations. Dans ce contexte, on a créé des échelles directement élaborées pour les enseignants. Dans cet article les auteurs essaient de présenter et d'adapter à la population portugaise l'échelle TRS de Maes et Anderson (1985). L'échelle, soit dans l'original soit dans l'échantillon portugais, a montré qu'elle a des propriétés psychométriques suffisantes.

**EVALUATION OF TEACHER'S LOCUS OF CONTROL:
STANDARDIZATION OF THE MAES-ANDERSON'S SCALE TO THE
PORTUGUESE POPULATION**

Abstract - The construct Locus of Control is one of the most studied because of its importance to the knowledge of cognitive personality. Rotter theorized about this concept and he made a scale in order to try to estimate this variable. Rotter's scale is based upon the generalized expectancies of control of reinforcement. But it was necessary to construct more specific scales, adapted to different situations. In this context several scales have appeared, specially for teachers. In this paper the authors try to present and to adapt for the portuguese population the TRS scale of Maes and Anderson (1985). This scale proved to have adequate psychometric properties, both with the original and the portuguese samples.